



FENOMENOLOGIA COMO POSSIBILIDADE DE ENFOQUE METODOLÓGICO PARA PESQUISA E OS ESTUDOS DAS EXPERIÊNCIAS DO PIBID PELO BRASIL

Fernanda de Jesus Santos Brito ¹
Luciana Haddad Ferreira ²

RESUMO

O presente texto trata da Fenomenologia como possibilidade de enfoque metodológico para pesquisa no campo da formação de professores e tem como objetivo compreender a fenomenologia como possibilidade metodológica para pesquisa na formação inicial de professores e para o estudo e análise das experiências vivenciadas por bolsistas (graduandos de licenciaturas) no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) pelo Brasil. Trata-se de um estudo de natureza qualitativa e bibliográfica, onde, primeiramente traremos uma breve apresentação da fenomenologia de Husserl mostrando algumas de suas principais características e em seguida trazemos uma pouco de Fenomenologia em Merleau-Ponty mostrando o que ele avança em relação a Husserl e destacando a compreensão/conceito de percepção como um retorno às fontes de significação. Por fim, trazemos para o texto uma breve apresentação do Pibid evidenciando sua amplitude e alcance no campo da formação inicial de professores destacando as contribuições e possibilidades da Fenomenologia como uma abordagem metodológica e ou epistemológica para pensar as experiências de formação de professores vividas por pibidianos em todo o país.

Palavras-chave: Fenomenologia como método de pesquisa, Formação inicial de professores, Experiência do Pibid.

INTRODUÇÃO

A Fenomenologia surgiu no final do século XIX com Franz Brentano (1838-1917), mais foi com Edmund Husserl (1859-1938) que se configurou como um campo de conhecimento e importante corrente filosófica do século XX, influenciando vários pensadores dentre eles Maurice Merleau-Ponty.

Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) filósofo e fenomenólogo francês adota à sua maneira a fenomenologia de Husserl, reformulando e se contrapondo com alguns conceitos de Husserl como os da redução fenomenológica: a redução eidética e a redução transcendental. Para Merleau-Ponty, não há traços de redução metódica de inspiração cartesiana. Não há separação entre interior e exterior, não importa quão profundamente exploremos o sujeito,

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação na Universidade São Francisco-USF, fernanda.jesus.brito@mail.usf.edu.br;

² Professora Orientadora: Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas-Unicamp. Docente no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da PUC-Campinas/SP, haddad.nana@gmail.com.

sempre encontramos o mundo. Entre um de seus principais conceitos está o de percepção desenvolvido na obra Fenomenologia da Percepção na qual ele desenvolve uma filosofia existencial onde o homem é um ser inseparavelmente ligado ao mundo.

O presente texto trata da Fenomenologia como possibilidade de enfoque metodológico para pesquisa no campo da formação de professores com foco na formação inicial e que poderá ser fortemente utilizado para estudo e análises das inúmeras experiências do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) pelo Brasil. Trata-se de um estudo de natureza qualitativa e bibliográfica, onde primeiramente trataremos uma breve apresentação da Fenomenologia de Husserl mostrando algumas de suas principais características e em seguida trataremos um pouco da Fenomenologia de Merleau-Ponty mostrando o que ele avança em relação a Husserl e destacando a compreensão/conceito de percepção como um retorno às fontes de significação.

O PIBID tem forte relevância para pensar o campo da formação de professores, por promover vivências de alunos, professores supervisores e professores orientadores no cotidiano das instituições em escola-campo (escolas da rede pública), seus desafios e possibilidades. O programa proporciona aos envolvidos com a experiência docente um conjunto de percepções sobre si, sobre as escolas e sobre a própria docência que poderia ser mais estudada de modo a contribuir com o campo da formação de professores no Brasil.

Isso considerando a relação teoria-prática, a relação ensino superior e educação básica, as diversas e particulares experiências desenvolvidas no cotidiano das escolas espalhadas pelo país. A quantidade de projetos, instituições de ensino superior e de educação básica e de bolsistas, alunos, professores e supervisores envolvidos.

Por fim, trazemos para o texto uma breve apresentação do Pibid evidenciando sua amplitude e alcance no campo da formação inicial de professores destacando a importância de usar a Fenomenologia como uma abordagem metodológica e ou epistemológica para pensar as experiências de formação de professor vividas por pibidianos em todo o país.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de natureza qualitativa e bibliográfica, onde, primeiramente trataremos uma breve apresentação da fenomenologia de Husserl mostrando algumas de suas principais características e em seguida trazemos um pouco de Fenomenologia em Merleau-Ponty mostrando o que ele avança em relação a Husserl e destacando a compreensão/conceito de percepção como um retorno às fontes de significação.

FENOMENOLOGIA COMO MÉTODO DE PESQUISA

Os estudos fenomenológicos começaram a ser desenvolvidos no final do século XIX e no início do século XX, tendo como um dos seus precursores o filósofo e psicólogo alemão Franz Brentano (1838-1917). Brentano publicou, no ano de 1874, em Berlim, sua *Psicologia do ponto de vista empírico*, para ele, “a percepção, a imaginação, o juízo e o desejo são atos orientados para objetos. Há uma intencionalidade dos atos da consciência” (Japiassu; Marcondes, 200, p. 30).

Contudo, foi com Edmund Husserl (1859-1938) discípulo de Franz Brentano que a Fenomenologia ganhou notoriedade e se configurou como um campo de conhecimento, como método de análise e como um movimento epistemológico. As obras de Husserl foram responsáveis pela consolidação desse método que foi posteriormente, tanto aprofundado como questionado por fenomenólogos. (Silva, 2013).

De origem judaica Edmund Husserl (1859-1938) foi um filósofo Alemão, que além de filosofia, estudou física, astronomia e matemática e que desenvolveu uma nova forma de pensar os objetos da mente, de descrever e analisar a consciência, o que ele mesmo denominou com “uma ciência de “fenômenos” (Husserl, 2006, p. 25).

Etimologicamente, a palavra fenomenologia (*Phenomenon + Logos*) significa o estudo dos fenômenos, ou a ciência que estuda os fenômenos. Segundo Japiassu e Marcondes (2001), o termo foi criado no séc. XVIII pelo filósofo J.H. Lambert (1728-1777), “designando o estudo puramente descritivo do fenômeno tal qual este se apresenta à nossa experiência”. Para esses autores trata-se de,

uma corrente filosófica fundada por Husserl, com a finalidade de “estabelecer um método de fundamentação da ciência e de constituição da filosofia como ciência rigorosa. O projeto fenomenológico se define como uma “volta às coisas mesmas”, isto é aos fenômenos, aquilo que aparece á consciência, que se dá como seu objeto intencional. O conceito de *intencionalidade ocupa um lugar central na fenomenologia, delinindo a própria consciência como intencional como voltada para o mundo: “toda consciência e consciência de alguma coisa” (Husserl). (Japiassu; Marcondes, 2001, p. 75)

Segundo Silva (2013, p. 65), o termo também foi usado anteriormente por outros filósofos como Immanuel Kant (1724-1804) e Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831). Kant, por exemplo, tratou a fenomenologia “como o estudo de um conjunto de fenômenos ou aparências e de como eles se manifestam no tempo e no espaço”. Já o filósofo alemão Hegel deu uma maior atenção ao tema e empregou o termo em sua obra “*Fenomenologia do espírito*”, publicado em 1807. Na referida obra Hegel emprega o termo para indicar o que o mesmo que

“ciência da experiência da consciência, ou seja, o exame do processo dialético de constituição da consciência desde seu nível mais básico, o sensível, até as formas mais elaboradas da consciência de si, que levariam finalmente à apreensão do *absoluto” (Japiassu; Marcondes, 2001, p. 75).

Segundo Silva (2013), Husserl desenvolveu uma perspectiva epistemológica contra a racionalidade cartesiana, o empirismo e o psicologismo. Por isso, seu objetivo era construir sua fenomenologia como uma alternativa metodológica e como uma filosofia de rigor, que poderia “voltar às coisas mesmas”, para tentar alcançar as essências dos fenômenos. Por isso, a fenomenologia aborda o fenômeno sem partir de um referencial teórico prévio, ou seja, de conceitos ou crenças já existentes. Pois tem como objetivo tratar diretamente o fenômeno, questionando-o e tentando descrevê-lo, ou seja, tentando captar a sua essência. O objetivo é o de caracterizar o objeto ou fenômeno, da melhor maneira possível, tendo em vista que nem sempre as coisas são de imediato compreensíveis. Por essa razão, segundo Japiassu e Marcondes (2001, p.75) Husserl com sua Fenomenologia pretendia tanto combater o empirismo e o psicologismo como desejava “superar a oposição tradicional entre o realismo e idealismo”.

Fenomenologia de Husserl propôs estabelecer uma base que ele considerava segura, para elaborar novos conhecimentos nas ciências. Tinha como princípio a necessidade de observar os fenômenos tais como os mesmos se mostravam para quem os observava, livre de pressupostos e independente de ser realidade ou aparência. (González, 2012).

Segundo González, (2012, p. 33).

Para Husserl existiam duas espécies de ciências: ciências de fatos, ou fácticas, focadas na experiência sensível; e ciências de essências ou eidéticas, às quais compete a intuição essencial, a visão do *eidós*. Destacava, também, que todas as ciências de fatos se baseiam em ciências de essências porque todas utilizam a lógica e, em geral, também a matemática (ciência eidética) [...].

González (2012, p. 33), explica que, no contexto do pensamento de Husserl propõe um método de descrição da essência, pois para ele “o objeto da filosofia fenomenológica” não é constituído por fatos contingentes, “mas por conexões essenciais” que pertencem “às ciências de essências”. É um método filosófico que tem a experiência vivida como centro da análise, “como forma original pela qual os sujeitos concretos vivenciam o seu mundo” e desvela a cotidianidade do mundo. Dessa forma, [...] “seu processamento é um esclarecimento gradual, que progride em etapas mediante a intuição intelectual da essência”. González (2012, p. 33- 34) conclui que, a direção que Husserl deu à fenomenologia foi:

a de ‘*ir às coisas mesmas*’ (*zu dem Sache selbst*). A descrição fenomenológica proposta então possibilitou evidenciar o fenômeno em si mesmo que com o ‘*olhar habitual*’ não era possível. Nessa abordagem o pesquisador considera sua vivência em seu ‘mundo da vida’ (*Lebenswelt*)” [...].

Por tudo isso, Husserl propôs uma análise da consciência e sua intencionalidade uma vez que todas as vivências se davam pela mente. E por isso a Fenomenologia poderia ser compreendida como uma descrição daquilo que aparece na consciência, ou a ciência que tem como objetivo essa descrição do fenômeno que aparece na consciência.

Usando Mcconnell-Henry; Chapman; Francis (2009), González (2012) afirma que segundo Husserl:

os pesquisadores que se orientavam pela linha positivista confundiam o ver em geral com o olhar meramente sensível e experimental. Não compreendiam que cada objeto sensível e individual possui uma essência. O individual, enquanto real, acidental, ao sentido deste acidental corresponde precisamente uma essência que precisa ser captada diretamente.

Assim, a Fenomenologia chegou a ser considerada uma das principais correntes filosóficas do século XX, tendo influenciado fortemente diversos pensadores como: Martin Heidegger, Alfred Schutz, Jean Paul Sartre, Maurice Merleau-Ponty. No subtópico que segue, trataremos um pouco mais sobre este último.

A Fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty: a percepção, o corpo e o método.

Maurice Merleau-Ponty (1908 - 1961) foi um filósofo e fenomenólogo francês nascido na cidade de Rochefort-sur-Mer, na França bebeu dos estudos de Husserl contudo ampliou a discussões sobre a Fenomenologia modificando várias ideias trabalhadas por Husserl, sobretudo, as ideias em relação ao “dilema do realismo e do idealismo, dilema que Husserl resolverá em favor do idealismo pelo papel preponderante que dera à consciência ou ao sujeito do conhecimento” (Chauí, p. 306). Além de professor, Maurice também serviu ao exército francês na segunda guerra mundial. Entre os anos de 1945 a 1952 fez parcerias com Jean-Paul Sartre atuando como co-editor da revista ‘Os tempos modernos’.

Em sua obra “Fenomenologia da percepção” Maurice Merleau-Ponty escreveu que apesar de meio século da criação da fenomenologia a partir dos estudos do Husserl a complexidade em torno do termo estaria longe de estar resolvida, colocando-se numa tarefa de encontrar “a unidade da fenomenologia e seu verdadeiro sentido” (Merleau-Ponty, 1999, p.07), o que aponta para sua dimensão subjetivista.

Assim logo no prefácio escreveu ele,

A fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência,

por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua "facticidade". É uma filosofia transcendental que coloca em suspenso, para compreendê-las, as afirmações da atitude natural, mas é também uma filosofia para a qual o mundo já está sempre "ali", antes da reflexão, como uma presença inalienável, e cujo esforço todo consiste em reencontrar este contato ingênuo com o mundo, para dar-lhe enfim um estatuto filosófico. Mas também, é também um relato do espaço, do tempo, do mundo "vividos", uma tentativa de descrição direta de nossa experiência tal como ela é, e sem nenhuma deferência à sua gênese psicológica e às explicações causais que o cientista, o historiador ou o sociólogo dela possam fornecer, e, todavia Husserl, em seus últimos trabalhos, menciona uma "fenomenologia genética"¹ e mesmo uma "fenomenologia construtiva" (Merleau-Ponty, 1999, p.07).

Na verdade, de acordo com Marques (2015), Merleau-Ponty adota à sua maneira a fenomenologia de Husserl, reformulando e se contrapondo com alguns conceitos de Husserl como os da redução fenomenológica: a redução eidética e a redução transcendental. Segundo Marques (2015), Husserl estava convencido de que havia uma essência humana, com seus vários aspectos, como a questão da consciência e que ela poderia ser conhecida através da redução eidética. O que significa que a filosofia poderia penetrar no núcleo essencial do homem. Mas Merleau-Ponty, pensava de forma contrária, pois para ele não existe essência humana. Não há no homem nada acidental, tudo está conectado. Segundo Marques (2015),

[...] esta conexão não é garantida por uma essência, mas por uma *gestalt*, o que não afasta o fato do homem estar permeado pela contingência, uma vez que consideramos sua historicidade e rejeitamos a ideia de um ser puramente de natureza. Tudo o que podemos fazer com a redução é compreender uma interconexão existencial, para a qual precisamos de fixações conceituais, sempre correndo o risco de vermos essas noções ameaçarem fixar a existência humana.

De acordo com Marques (2015), Husserl não duvidava da realidade e quis analisar a estrutura do fenômeno, penetrar na natureza de nossos atos intencionais aos quais os fenômenos correspondem. Já para Merleau-Ponty, não há traços de redução metódica de inspiração cartesiana. Não há separação entre interior e exterior, não importa quão profundamente exploremos o sujeito, sempre encontramos o mundo. "O interior e o exterior são inseparáveis. O mundo está inteiro dentro de mim e eu estou inteiro fora de mim". (Merleau-Ponty, 1945, p. 466 *apud* Marques, 2015, p. 834). Para compreender um pouco mais sobre Maurice Merleau-Ponty trabalharemos mesmo que de modo breve um de seus principais conceitos: a percepção.

A percepção a partir de Merleau-Ponty

Segundo Pires (2015), o pensamento de Merleau-Ponty é expresso em sua obra sempre de forma dinâmica e em transformação. De acordo com Pires (2015) para Merleau-Ponty (1996)

o mundo é percebido como parte de um contato pré-reflexivo e de uma experiência vivida, para daí expressar o conhecimento. Por isso, Merleau-Ponty (1996) não nega a existência do mundo exterior, considerando que antes da própria reflexão ele ‘já está aí’. Por isso, o universo da ciência se configura a partir da experiência vivida, e essa “experiência vivida” funda-se no ato perceptivo, campo privilegiado do entrelaçamento corpo-mundo”. (Pires, 2015, p. 20).

Nesse contexto, a percepção se constitui como um convívio com a pessoa e o que ela percebe se tornando uma espécie de linguagem, um caminho e via para compreensão do outro. A fenomenologia de Merleau-Ponty (1996) pretende superar o idealismo e reunir “na intencionalidade o homem e o mundo, o sujeito e o objeto, a existência e a significação” (Pires, 2015, p. 20). Pois para Merleau-Ponty (1996, p. 6) *apud* Pires (2015, p. 20) “ a verdade não habita o homem interior”, ou antes, não existe homem inteiro, o homem está no mundo, é no mundo que ele se conhece”. Ao mesmo tempo o mundo é que ele percebe do mundo, pois trata-se de percepção que abre o horizonte para a superação da “noção de consciência fechada sobre a mesma”.

Pires (2015), afirma por isso, a Fenomenologia da Percepção desenvolvida por Merleau-Ponty é uma filosofia existencial onde o homem é um ser inseparavelmente ligado ao mundo “e o mundo fenomenológico não é o ser puro, mas o sentido que transparece na intersecção de minhas experiências, e na intersecção de minhas experiências com aquelas do outro, pela engrenagem de umas nas outras (Merleau-Ponty, 1996; p. 18 *apud* Pires, 2015, p. 21).

Sobre essa compreensão Pires (2015, p. 21) vai destacar que.

a percepção, é primordial, porque é no contato direto com os objetos que elas de fato se efetiva. Trata-se, pois, de um envolvimento prático com as coisas, de ir ao solo originário onde as coisas se manifestam na cotidianidade da existência humano, posto que o viver no mundo bem primeiro antes de qualquer reflexão.

Citando Merleau-Ponty (1996, p. 429-430) Pires (2015, p. 21)

Se não se percebeu isso mais cedo, foi porque os prejuízos do pensamento objetivo tornavam difícil a tomada de consciência do mundo percebido.... Na realidade, todas as coisas são concreções de um ambiente, e toda percepção explícita de uma coisa vive de uma comunicação prévia com uma certa atmosfera ... da mesma maneira as qualidades ou sensações representam os elementos dos quais é feita a grande poesia de nosso mundo.

Nesta visão, de percepção de Merleau-Ponty (1996) não existe uma passividade como na visão empirista por isso propõe “que reaprendamos a olhar o mundo, redescobrimo-o não de forma fragmentada pelas sensações, mas pela unidade com o mundo real que é inesgotável” (Pires, 2015, p. 22).

Nesse sentido a percepção argumentada por Merleau-Ponty, conforme aponta Masini (2012, p.18) *apud* Pires (2015, p. 22),



- a. Os fenômenos não são coisas, mas acontecem num campo do qual o sujeito faz parte e o sujeito e os fenômenos do mundo constituem juntos um sistema.
- b. O que caracteriza a identidade do mundo percebido é a temporalidade, isto é, a síntese temporal através das próprias perspectivas do sujeito que percebe: a perspectiva presente anuncia a outra e retém a precedente num encadeamento. São várias perspectivas que vão se constituindo em movimentos de retomada do passado e abertura para o futuro, sempre sendo possível novas perspectivas.
- c. Para compreender a percepção é necessário evitar a alternativa natural (dos acontecimentos que se ligam entre si e causam uns aos outros) e a alternativa naturante (do sujeito que constitui o mundo e que dá sentido ao mundo). Em outras palavras, a perspectiva da objetividade (do mundo existente em si) ou da subjetividade (do mundo existente para si ou para uma consciência) são duas posições na qual o sujeito da percepção é ignorado.

Desse modo Pires (2015), chega a afirmar que a experiência humana é um entrelaçamento dinâmico de percepções (ou sentidos) e que nossas experiências não consistem numa coletânea de objetos, mas num todo, num mundo unificado e anterior a qualquer intelectualismo. Essa unidade com o mundo vivido, “precede quaisquer pensamentos intelectuais, pois não posso descartar o pré-reflexivo, a experiência originária sedimentada pelas ciências e conhecimentos ulteriores” (Pires, 2015, p. 23).

RESULTADOS E DISCUSSÃO: FENOMENOLOGIA COMO POSSIBILIDADE DE ENFOQUE METODOLÓGICO PARA PESQUISA E OS ESTUDOS DAS EXPERIÊNCIAS DO PIBID PELO BRASIL

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) enquanto política pública vinculada à formação inicial de professores no Brasil tem apresentado forte relevância para pensar o campo da formação de professores, sobretudo, considerando a relação teoria-prática, o cotidiano nas escolas e as diversas e particulares experiências espalhadas em todo país. Trata-se de um Programa de grande amplitude considerando a quantidade de projetos existentes, de instituições de ensino superior envolvidas e das instituições da educação básica atendidas num país de extensão territorial como o Brasil. Isso sem contar nos quantos bolsistas envolvidos, alunos atendidos, ações desenvolvidas e profissionais da educação básica beneficiados com tal experiência.

O PIBID foi criado em 2007, e tem como finalidade proporcionar ao graduando bolsista um contato prático no campo da docência, através de atividades desenvolvidas nas escolas públicas, incentivando a formação de professores e professoras para educação básica brasileira que sejam capacitados e ofereçam qualidade de ensino. É gerenciado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) procura proporcionar aos bolsistas, alunos de licenciaturas, um processo de formação que envolve contato com as escolas e com

atividades de planejamento, regências, desenvolvimento de projetos e atividades nas escolas estaduais e municipais de forma a incentivar uma formação de professores e professoras para educação básica brasileira com melhor qualidade e capacidade para enfrentar os desafios da educação e da escola. Antecipando, promovendo e ampliando a articulação entre Escola/educação básica e Universidade/ensino superior e o envolvimento desde mais cedo do acadêmico em processo de formação com a escola, seus cotidianos, desafios e possibilidades.

Segundo Paniago e Sarmiento (2017), o Pibid “foi direcionado inicialmente às instituições federais de ensino superior, focando as áreas de Física, Química, Biologia e Matemática para o Ensino Médio, atendendo cerca de 3.088 bolsistas” (pág.722). A partir dessa primeira versão, o alcance do Programa foi expandido de forma significativa passando envolver outras licenciaturas e demais Instituições de Educação Superior passando a atender subprojetos de todas as áreas de conhecimento, inclusive nas áreas interdisciplinares, licenciaturas indígenas e do campo.

Sendo assim, em 2014, participaram um total de 284 Instituições de Ensino Superior (IES), com a aprovação de 313 projetos de iniciação à docência, sendo 29 desses do Pibid diversidade. Foram ao todo 90.254 mil bolsistas em todo país, envolvendo alunos de licenciaturas, professores da Educação Básica, na condição de supervisores, e professores das IES, como coordenadores institucionais. Essas informações são confirmadas nos dados do relatório de gestão 2009/2014 da Capes, que revelam um crescimento da concessão de bolsas no PIBID que passou de 3 (três) mil bolsas iniciais para 90 (noventa) mil bolsas em 2013.

Segundo informações disponíveis no site da Capes, no último edital de 2018 da Capes foram aprovadas 285 IES habilitadas a iniciar os projetos no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid), com uma previsão de concessão de 45 mil bolsas. E se considerar desde o final de 2008 até o início de 2018, participaram do Programa mais de 206 mil alunos de licenciatura³.

Para se ter uma ideia do alcance desse programa, Assis (2017), em estudo apresentado no GT 08 da Anped, analisou 104 (cento e quatro) teses e dissertações produzidas no período de 2010 a 2015, que tratam do Pibid. Ao todo foram analisadas 80 dissertações e 24 teses que estavam disponíveis em bancos de dados de Instituições de Ensino Superior (IES) e outros órgãos. Os trabalhos envolveram 23 programas de pós-graduação e apenas a região norte não teve trabalhos nesse período em plataformas pesquisadas. A pesquisa de Assis (2017) permitiu

³<https://www.capes.gov.br/pt/sala-de-imprensa/noticias/8985-pibid-divulga-lista-com-285-instituicoes-habilitadas-para-inicio-de-projetos>.

compreender as contribuições do PIBID para a formação de professores para a Educação Básica. Além de Assis (2017), é importante ressaltar que muitos outros estudos têm evidenciado as contribuições do Pibid para a formação docente como por exemplo (André, 2016).

Pesquisa realizada por Brito (2018) também revelou contribuições desse programa para a formação de professores, basicamente, a partir de pesquisa sobre o subprojeto Pibid Pedagogia da UFT campus de Tocantinópolis/TO. Nesse estudo constatamos, por exemplo, que das 19 egressas do primeiro edital programa do subprojeto investigado duas estavam cursando o mestrado; todas elas ingressaram no Programa por meio edital de 2010, 89% das participantes da pesquisa não atuavam na docência antes do Pibid; 78% disseram que já atuaram na docência após terem participado do Pibid, 53% estavam exercendo a docência no momento da pesquisa e destas 50% eram concursadas.

Podemos perceber que o Pibid é um programa muito exitoso, como também já revelaram os estudos de André (2016), e que tem contribuído de forma significativa para pensar a formação de professores e sobretudo, a formação inicial, onde esse programa acontece de forma mais significativa. Por tudo isso, podemos afirmar que, ainda, são poucas as pesquisas sobre esse Programa de tamanha amplitude, principalmente, pesquisas que dê conta sobre o cotidiano das experiências e vivências em cada projeto e em cada escola-campo, por esse licenciando em processo de iniciação à docência. E nesse caso, destacamos que a perspectiva epistemológica talvez seja de grande importância para pesquisa sobre esse programa, suas contribuições para pensar a formação inicial de professores, a relação teoria e prática, a maior articulação entre escolas de educação básica e universidade, e sobretudo, a ampliação de tempos de vivência dos alunos em processo de formação sobre o cotidiano das escolas e experiência docente. Pesquisas que pudessem para além das inúmeras teorias e concepções de docência, dos estudos de formação de professores, pudessem permitir, conhecer cada uma dessas experiências de iniciação à docência por elas mesmas. Seus desdobramentos e suas descobertas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o enfoque Fenomenológico com uma abordagem de pesquisa de natureza qualitativa que de acordo com Bogdan e Biklen (1994, p.49) “exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para construir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo”. E que segundo Merleau Ponty (1999) atribui à experiência uma importância singular para compreensão de um mundo unificado a partir de entrelaçamento de percepções.



Assim, defendemos a reafirmamos a necessidade ou importância de uma quantidade maior de estudo com enfoque fenomenológico para abordarem a formação inicial de professores a partir das experiências do Pibid, seja pela sua amplitude num país com proporções gigantescas, seja pela quantidade de bolsistas de iniciação a docência em todo o país e nos mais variados projetos.

O envolvimento prático com o cotidiano das escolas, das vivências com professores e com alunos, com os desafios e conquistas do espaço escolar das redes pública proporcionam a todos os alunos que iniciam sua experiência de docência um conjunto de percepções sobre si, sobre a própria escola e sobre a docência que precisaria ser mais estudada de modo a contribuir com o campo da formação de professores no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli, (Org.) **Prática inovadoras na formação de Professores**. Editora Papirus: Campina- SP, 2016.
- ASSIS, A. S. de. Contribuições do PIBID para a valorização dos professores: o que dizem as teses e dissertações? *In* 38º Reunião Nacional da ANPED-UFMA- São Luís/MA. Out. 2017.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**. Portugal: Porto,1994.
- BRITO, F. J. S.. **Egressas do PIBID: pedagogia e a docência**. 1ª. ed. Porto Alegre RS: Editora Fi, 2018. v. 1. 90p.
- CHAUI, M. **Convite à Filosofia**. 14ª ed. São Paulo: Ática, 2010. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/533894/mod_resource/content/1/ENP_155/Referencias/Convitea-Filosofia.pdf Acesso em: 09 fev. 2023
- GONZÁLEZ, A. D.. **Ser docente na área da saúde: uma abordagem à luz da fenomenologia heideggeriana** / Alberto Durán González. – Londrina, 2012. 115 f. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/saudecoletiva/Doutorado/teses/tese/1.pdf> Acesso em: 04 fev. 2023.
- MARQUES, P. P.. Fenomenologia e Fenômeno em Maurice Merleau-Ponty. *Sapere Aude* – Belo Horizonte, v. 6 – n. 12, p. 832-840, Jul./Dez. 2015 – ISSN: 2177-6342. Disponível em <http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/11253>. Acesso em: 06 mar. 2023.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- HUSSERL, E. **A ideia da fenomenologia**. Lisboa; Rio de Janeiro: Edições 70, 1989. Disponível em <https://drive.google.com/file/d/1tFP81OEGbt64fA6bTOauU3kEW70eIBB/view>. Acesso em: 16 mar. 2023.



HUSSERL, E. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica.**

Aparecida: Ideias & Letras, 2006. Disponível em

<http://www.ruipaz.pro.br/fenomenologia/husserl.pdf> Acesso em: 16 fev. 2023.

JAPIASSU, H.; MARCONDES, D.. **Dicionário básico de Filosofia.** 3ª ed. Rio de Janeiro:

Jorge Zahar, 2001. Disponível em

http://raycydio.yolasite.com/resources/dicionario_de_filosofia_japiassu.pdf Acesso em: 15 fev. 2023

PANIAGO, R. N.; SARMENTO, T.. Formação pela pesquisa. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 771-792, abr./jun. 2017.

PIRES, R. S.. **A experiência vivida na escola na ausência do sentido da visão.** 2015. 184 f.

Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de Piracicaba, São Paulo, 2015. Disponível em:

https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2366178

SILVA, M. T.. da. Uma análise crítica do método Fenomenológico e a sua relação com as “Geografias” Humanistas. **Geografia em Questão.** v.06. n. 02. 2013.